

COLONIALISMO, RESISTÊNCIA E DENÚNCIA SOCIAL EM *NINGUÉM MATOU SUHURA*, DE LÍLIA MOMPLÉ: uma análise da representação do colonizador e do colonizado

COLONIALISM, RESISTANCE AND SOCIAL DENUNCIATION IN *NINGUÉM MATOU SUHURA*, BY LÍLIA MOMPLÉ: an analysis of the representation of the colonizer and the colonized

Discente: Eleonilce Silva Reis

Orientador: Dr. Benedito Ubiratan de Sousa Pinheiro Junior

RESUMO

O estudo tem como objetivo geral analisar a obra *Ninguém matou Suhura*, de Lília Momplé, destacando a representação das relações entre colonizador e colonizado e sua função de denúncia social e resistência no contexto colonial moçambicano. O presente estudo caracteriza-se como uma revisão sistemática de caráter qualitativo, voltada para a análise crítica da obra *Ninguém matou Suhura*, de Lília Momplé, bem como de estudos acadêmicos que abordam a produção literária da autora no contexto pós-colonial moçambicano. Conclui-se, portanto, que a obra de Lília Momplé se consolida como um marco na literatura moçambicana contemporânea. A narrativa de *Suhura* permanece como símbolo de denúncia e resistência, assegurando à literatura africana de língua portuguesa o papel de preservar a dignidade humana, resgatar memórias silenciadas e fomentar reflexões críticas sobre os impactos do colonialismo na formação das identidades coletivas.

Palavras-chave: Colonialismo; Denúncia Social; Literatura moçambicana; Resistência.

ABSTRACT

The overall objective of this study is to analyze Lília Momplé's work "Nobody Killed Suhura," highlighting its representation of the relationship between colonizer and colonized and its role as social denunciation and resistance in the Mozambican colonial context. This study is characterized as a systematic, qualitative review focused on the critical analysis of Lília Momplé's work "Nobody Killed Suhura," as well as academic studies that address the author's literary production in the postcolonial Mozambican context. Therefore, it is concluded that Lília Momplé's work has established itself as a landmark in contemporary Mozambican literature. *Suhura*'s narrative remains a symbol of denunciation and resistance, ensuring that Portuguese-language African literature plays a role in preserving human dignity, recovering silenced memories, and fostering critical reflections on the impacts of colonialism on the formation of collective identities.

Keywords: Colonialism; Social Denunciation; Mozambican Literature; Resistance.

1 INTRODUÇÃO

Ninguém matou Suhura é uma obra publicada em 1988, da autora de coletânea, Lília Maria Clara Carrière Momplé, que nasceu no dia 19 de março de 1935, na Ilha de Moçambique. É formada em serviço social pelo Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa, passou uma temporada fora de Moçambique, e retornou ao seu país em 1972. Além disso, ela trabalhou na Secretaria de Estado da Cultura, no Fundo para o Desenvolvimento Artístico e Cultural de Moçambique e na Associação de Escritores de Moçambique.

É importante ressaltar, que sua obra é composta por contos, e o conto é um gênero que se caracteriza pela representação de uma história breve, construída com poucos personagens e marcada pela unidade de ação. Diferente de narrativas mais extensas, o conto concentra-se em um único conflito, valorizando a intensidade dos acontecimentos e a economia de detalhes. Essa concisão exige que cada elemento, desde a caracterização das personagens até a descrição do espaço, contribua diretamente para o efeito final da narrativa. Dessa forma, o gênero busca transmitir significados profundos de maneira rápida, objetiva e impactante.

Essa obra intitulada se divide em cinco contos com narrador onisciente em terceira pessoa, ligado tematicamente pelo eixo da representação da denúncia do período trágico cometido pelo período do colonialismo português no continente africano como Moçambique e Angola. Além disso, cada conto retrata um lugar de Moçambique, diante disso, foi escolhido apenas o quarto conto para dissertar, ele representa os acontecimentos que se passaram na Ilha de Moçambique, no mês de novembro de 1970 e se divide em três tópicos que narra I- O dia do senhor Administrador; II- O dia de Suhura; III- O fim do dia. Ao longo da narrativa percebe-se dois eixos, de um lado tem o senhor Administrador que é visto como o poderoso e representador do povo colonizador português, enquanto Suhura e sua avó representam os povos africanos colonizados.

Esse cenário pertence ao século XX, período marcado por rupturas e consolidações. Em contexto, Moçambique teve sua dominação colonial no final do século XV, e a partir da proibição do tráfico de escravos, no século XIX, a colônia se transformou em um local de mão de obra para as plantações e minas de ouro. É

relevante conhecer um pouco do espaço que a obra retrata, uma história rica, que fala do período colonial, do cotidiano do povo da época, pessoas que foram colonizadas, exploradas com diferentes formas de violência, tanto homens quanto mulheres com diferentes idades.

O narrador ao longo do texto vai falando desse universo de colonizador e colonizado, do homem bem visto pela sociedade, e da minoria, os explorados. Tem-se como exemplo do homem bem visto “[...] e deixa-se conduzir como um rei, distribuindo sorrisos, cumprimentos ou breves acenos, conforme a categoria e a raça dos que o saúdam” (MOMPLÉ 1988, p.52). Ou seja, ele dá voz aos personagens, tendo acesso aos pensamentos e interior de cada um. Dessa forma, será observado no capítulo como o narrador descreve a personagem Suhura e o personagem senhor Administrador.

A obra *Ninguém matou Suhura*, de Lília Momplé, insere-se no contexto da literatura pós-colonial moçambicana, cuja produção evidencia tensões sociais, políticas e culturais do período colonial. De acordo com Alós, Andreta e Dalcol (2019), a literatura moçambicana se constitui como espaço de denúncia e resistência, uma vez que as narrativas expõem a violência do sistema colonial, bem como seus efeitos na constituição das identidades coletivas e individuais. Nesse sentido, Momplé utiliza os contos para construir um olhar crítico sobre o colonialismo português, atribuindo voz a sujeitos historicamente silenciados.

Segundo Salgado (2018), a escrita de Momplé é marcada pela representação da banalidade do mal, evidenciada na naturalização da violência contra africanos durante o domínio colonial. A autora utiliza estratégias narrativas que revelam a brutalidade cotidiana, ao mesmo tempo em que enfatiza a condição subalterna imposta às mulheres africanas. Esse processo literário não se limita a relatar fatos históricos, mas traduz uma experiência coletiva de opressão e desumanização, transformada em memória cultural e denúncia social.

Conforme Silva (2017), as obras de Momplé configuram retratos de identidades femininas atravessadas por contextos de violência e exclusão, apresentando a mulher africana como sujeito em trânsito, situado entre as marcas da colonização e as tentativas de resistência. Afirma-se quando Momplé (1988, p. 63) diz “e a criança franzina de ventre dilatado e joelhos ossudos, foi-se transformando na graciosa adolescente que agora sorri ao sol desta manhã de novembro”.

A representação de Suhura simboliza esse espaço de transição, no qual se confrontam o poder colonial e as fragilidades do colonizado, demonstrando a

relevância da perspectiva de gênero na análise do texto literário. Assim, a narrativa amplia o debate sobre a construção da subjetividade feminina em Moçambique.

Para Morais e Cruz (2024), a obra de Momplé articula elementos do colonialismo cordial e da necropolítica, denunciando práticas violentas que, por vezes, eram naturalizadas nas relações coloniais. A narrativa de *Suhura* exemplifica a coexistência entre aparente convivência pacífica e a imposição de um poder necropolítico, que define quais vidas merecem ser preservadas ou descartadas. Esse olhar crítico permite compreender como a literatura se torna instrumento de resistência frente à violência colonial e seus impactos na vida cotidiana.

Nesse cenário, observa-se que a autora constrói um enredo que vai além da ficção, inserindo o leitor em uma realidade marcada por injustiças, desigualdades e resistências. A questão de pesquisa que norteia este trabalho é: como a obra *Ninguém matou Suhura* representa as relações entre colonizador e colonizado, evidenciando a denúncia social e a resistência no contexto colonial moçambicano?

O problema de pesquisa está vinculado à necessidade de compreender como a literatura funciona como espaço de preservação da memória histórica e como instrumento de resistência às práticas de opressão. A análise crítica de *Suhura*, personagem central, permite identificar os mecanismos narrativos que desvelam as contradições e violências impostas pelo colonialismo.

A justificativa deste estudo fundamenta-se na relevância da obra de Momplé como expressão da literatura moçambicana contemporânea e como fonte de reflexão sobre os impactos sociais e culturais do colonialismo. Além disso, a análise contribui para os estudos literários comparados e pós-coloniais, ampliando o entendimento sobre as narrativas africanas de língua portuguesa. A relevância acadêmica e social deste tema reside no potencial de articulação entre literatura, história e crítica social, permitindo que a obra seja estudada não apenas como criação artística, mas também como documento cultural e político. A leitura de Momplé possibilita resgatar vozes marginalizadas, com destaque para mulheres, e evidencia a literatura como forma de resistência.

O estudo tem como objetivo geral analisar a obra *Ninguém matou Suhura*, de Lília Momplé, destacando a representação das relações entre colonizador e colonizado e sua função de denúncia social e resistência no contexto colonial moçambicano e como objetivos específicos: examinar a construção das personagens, com ênfase em *Suhura*, como representação do sujeito colonizado; identificar as estratégias narrativas

utilizadas por Momplé na denúncia das violências coloniais; discutir a dimensão de gênero na narrativa, considerando a centralidade das personagens femininas.

2 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão sistemática de caráter qualitativo, voltada para a análise crítica da obra *Ninguém matou Suhura*, de Lília Momplé, bem como de estudos acadêmicos que abordam a produção literária da autora no contexto pós-colonial moçambicano. A revisão sistemática consiste em um método rigoroso de levantamento, seleção e interpretação de produções científicas que possibilitam responder a uma questão de pesquisa previamente formulada. Segundo Sampaio e Mancini (2007), esse tipo de revisão busca reunir e sintetizar evidências relevantes sobre determinado tema, garantindo maior profundidade analítica e minimizando vieses interpretativos.

A abordagem adotada é a qualitativa, que privilegia a interpretação crítica dos fenômenos, considerando os aspectos subjetivos, sociais e culturais envolvidos. Para Minayo (2012), a pesquisa qualitativa permite compreender significados, valores e práticas sociais, sendo, portanto, adequada para estudos que visam interpretar narrativas literárias e suas relações com contextos históricos. Nesse sentido, a escolha por essa abordagem justifica-se pelo caráter interpretativo da análise, que requer uma leitura aprofundada do texto literário e de sua crítica acadêmica, buscando estabelecer conexões entre a narrativa ficcional e a realidade histórica do colonialismo.

O corpus da pesquisa é constituído pela própria obra *Ninguém matou Suhura* (MOMPLÉ, 1988) e por artigos, dissertações, teses e resenhas críticas que analisam a produção literária de Lília Momplé, conforme levantamento realizado em bases de dados como SciELO, Google Scholar e periódicos especializados em literaturas africanas de língua portuguesa. Os critérios de inclusão consideraram trabalhos publicados entre 2010 e 2025, que tratam especificamente do colonialismo, da resistência e da denúncia social na obra da autora. Foram excluídos textos que não apresentavam fundamentação analítica ou que apenas citavam a obra sem discussão crítica.

A análise dos dados seguiu a técnica de leitura interpretativa, orientada pela triangulação entre a narrativa literária e os estudos críticos selecionados. De acordo com Bardin (2011), a análise de conteúdo é uma ferramenta essencial para o tratamento

de dados qualitativos, permitindo a categorização dos temas recorrentes e a identificação de sentidos implícitos. Assim, a interpretação concentrou-se na representação das relações entre colonizador e colonizado, na presença de personagens femininas como símbolos de resistência e na função da literatura como denúncia social.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DA OBRA

A obra *Ninguém Matou Suhura*, de Lília Momplé, insere-se no contexto da literatura pós-colonial moçambicana, marcada pela denúncia da violência colonial e pela resistência cultural. O conto narra a trajetória de Suhura, jovem órfã, pobre e analfabeta, que simboliza a fragilidade do colonizado diante do poder opressor do administrador colonial. A narrativa constrói um enredo que evidencia a brutalidade das relações de dominação, transformando a literatura em espaço de memória e denúncia social.

O personagem do administrador colonial é retratado como encarnação do poder arbitrário, cuja autoridade se fundamenta no privilégio racial e hierárquico. Para ele, Suhura não é mais do que um objeto de prazer, reduzida à condição de corpo disponível, desumanizado e descartável. “E ao vê-lo, o senhor administrador decidiu ali mesmo que havia de possuir a dona de tal rosto” (MOMPLÉ 1988, p.54). A partir dessa representação, Momplé expõe a violência sexual como prática de dominação colonial, desvelando a naturalização do abuso contra mulheres africanas.

O contraponto à visão do administrador é a própria caracterização de Suhura, descrita pela autora como uma jovem predisposta à alegria, em busca de sentido no cotidiano simples ao lado da avó. “Na semipenumbra do seu quarto exíguo e abafado, Suhura acorda sorrindo ao novo dia que desponta. Contudo, não tem qualquer motivo para sorrir” (MOMPLÉ 1988, p.62). A doçura e vitalidade da personagem contrastam com a tragédia que se anuncia, intensificando a denúncia da violência colonial. Assim, Momplé articula lirismo e brutalidade, conduzindo o leitor a uma reflexão crítica sobre as condições históricas de opressão.

A narrativa também destaca a figura da avó, que, diante da impossibilidade de enfrentar o sistema, é obrigada a consentir a violência contra a neta. “Suhura, minha neta! O sipaio leva-te à força e podem até prender-te e arrancar-te de mim[...] Suhura compreende então que não há outra saída” (MOMPLÉ 1988, p.68). A dor da

personagem revela os limites da resistência em um contexto em que o colonizado se encontra desprovido de mecanismos de proteção. Tal impotência evidencia a estrutura do colonialismo, que fragiliza os vínculos familiares e impõe submissão coletiva ao poder colonial.

A personagem Agira, por sua vez, simboliza uma visão de acomodação ao sistema, ao considerar Suhura “sortuda” por ter sido escolhida pelo administrador. “[...] pois não era que o senhor administrador, um homem tão importante em todo o mundo, tinha visto a sua neta Suhura e tinha gostado dela”? (MOMPLÉ 1988, p. 66). Essa postura representa a internalização do discurso colonial, em que a violência é travestida de privilégio. Momplé, ao inserir esse olhar, denuncia a perversidade das relações coloniais, que manipularam percepções sociais e naturalizaram desigualdades.

O clímax da narrativa ocorre no momento da resistência de Suhura, que, mesmo consciente da inevitabilidade da violência, reage com seus dentes jovens contra o agressor:

Vence o mais forte. Com o quimão rasgado e as capulanas espalhadas pelo chão, Suhura é arrastada para a cama. Ela, porém, não deixa de resistir, utilizando por fim a força dos seus dentes jovens. Por um breve instante, o homem e a rapariga encaram-se de frente e a ironia que brilha no fundo dos olhos de Suhura lembram ao senhor administrador um outro olhar, o inquietante olhar da sua filha Manuela. Então a raiva que o sufoca atinge o auge. Já não sabe se quer possuir ou matar esta negrinha que ousa resistir à sua vontade e que, embora subjugada pelo seu corpo possante, estrebucha e morde como um animal encurralado. Por fim, usa de toda a sua força, indiferente às consequências. Um grito rouco e breve é a resposta de Suhura. Depois o silêncio e a imobilidade total. (MOMPLÉ 1988, p.70-71).

O gesto, embora trágico, rompe com a lógica de submissão absoluta, reafirmando o potencial de resistência do colonizado, ainda que em condições adversas. A morte de Suhura, então, transforma-se em denúncia simbólica da necropolítica colonial, que decide quais vidas merecem ser preservadas.

Segundo Salgado (2018), a escrita de Momplé é marcada pela representação da banalidade do mal, evidenciada na naturalização da violência contra africanos. Essa concepção explica como o ato de violência contra Suhura não é exceção, mas parte de uma lógica sistêmica de opressão. A narrativa explicita a forma como a violência

colonial era exercida cotidianamente, sendo aceita e reproduzida como prática de dominação.

A banalidade do mal é um conceito criado por Hannah Arendt, filósofa que estudou o comportamento do nazista Adolf Eichmann. Com isso, ela percebeu que o mal nem sempre é cometido por pessoas cruéis, mas muitas vezes por indivíduos comuns que apenas obedecem a ordens e não refletem sobre o que fazem. Ou seja, o mal se torna banal quando é praticado de forma automática, sem consciência ou empatia. No conto, esse conceito aparece de forma forte.

A morte da personagem é tratada com indiferença pela sociedade. Assim, o conto mostra que a violência e o sofrimento da mulher negra e pobre foram banalizados, revelando uma sociedade que se acostumou com a injustiça. Dessa forma, podemos dizer que a história de Suhura representa a banalidade do mal, porque mostra como o silêncio, a omissão e a falta de empatia também matam.

Conforme Silva (2017), as personagens femininas da autora são representadas como sujeitos em trânsito, atravessadas por exclusão, mas também por tentativas de resistência. Suhura encarna essa ambiguidade: ao mesmo tempo em que é vítima da opressão colonial, afirma-se como sujeito pela resistência final. Essa abordagem amplia o debate sobre a subjetividade feminina na literatura moçambicana e reforça a perspectiva de gênero como chave interpretativa.

A análise da obra também pode ser entendida sob a ótica do colonialismo cordial, conceito discutido por Morais e Cruz (2024). Apesar de aparentes convivências pacíficas, como as trocas sociais entre colonizadores e colonizados, a narrativa de Momplé revela a face necropolítica do sistema, em que vidas como a de Suhura são descartadas sem hesitação. Os autores discutem o conceito de Achille Mbembe, o poder que o sistema tem de decidir sobre quem merece viver e quem pode morrer, e geralmente atinge as pessoas mais pobres e marginalizadas.

Em Moçambique, com as marcas do colonialismo isso é visto na figura de Suhura, uma jovem que é violentada e morta, mas cuja morte é tratada com indiferença. Mesmo que tenha sido morta nas mãos do senhor administrador, ninguém é responsabilizado, e a sociedade simplesmente segue em frente. Mostrando como a vida de Suhura é vista como sem valor, revelando uma estrutura social que naturaliza a morte dos oprimidos. Dessa forma, o conto denuncia o poder necropolítica que continua agindo mesmo após o fim do colonialismo. A coexistência de cordialidade aparente e violência estrutural evidencia a perversidade do poder colonial.

Nesse sentido, a denúncia presente em *Ninguém Matou Suhura* ultrapassa os limites da ficção e insere-se em uma memória cultural coletiva. Ao retratar o destino trágico de Suhura, Momplé simboliza as inúmeras vidas ceifadas pelo colonialismo e resgata vozes silenciadas. A obra torna-se, portanto, um documento literário e político, que preserva a memória histórica e estimula a resistência frente à injustiça.

O crítico Alós (2011) observa que a literatura moçambicana pós-colonial, constrói-se como espaço de ficcionalização da história, transformando narrativas individuais em representações coletivas. A história de Suhura, embora ficcional, remete a experiências concretas de mulheres submetidas ao poder colonial. Dessa forma, a obra cumpre papel social ao transformar dor e opressão em elementos de reflexão e resistência.

De acordo com Carvalho (2023), a narrativa também se constitui como denúncia do racismo e da violência direcionada ao corpo feminino. A condição de Suhura não pode ser dissociada de sua raça e gênero, fatores que intensificam sua vulnerabilidade no contexto colonial. A representação literária explícita, assim, a intersecção entre opressões, revelando como a mulher negra foi alvo privilegiado da exploração.

Para Costa (2016), Momplé utiliza as histórias como forma de ilustrar a História, produzindo uma narrativa que ultrapassa o campo estético e adquire função documental. *Ninguém Matou Suhura* é, portanto, mais do que um conto literário: trata-se de um testemunho crítico, que registra e denuncia práticas coloniais invisibilizadas ou negligenciadas nos registros oficiais. A literatura assume papel de preservação da memória.

A perspectiva de gênero é ainda enfatizada por Almeida (2017), ao analisar como Momplé recupera experiências femininas silenciadas. A condição de Suhura, marcada pela pobreza e pelo analfabetismo, é um reflexo da exclusão estrutural a que mulheres africanas foram submetidas durante o período colonial. “Aos quinze anos é analfabeta, órfã de pai e mãe e extremamente pobre” (MOMPLÉ 1988, p. 62). A denúncia da autora coloca em evidência não apenas a violência física, mas também a exclusão cultural e social.

Conforme Tokuhara et al. (2022), a obra de Momplé articula mito e romance como instrumentos de resistência, situando a experiência individual de Suhura em um quadro mais amplo de luta coletiva. A figura da jovem transcende a dimensão

individual e torna-se símbolo da condição histórica de opressão e resistência. A narrativa, assim, conecta o destino da personagem à história de um povo subjugado.

Kubernat e Martins (2021) destacam o papel do olhar na construção de sentido na narrativa. O modo como Suhura é vista — pelo administrador, pela avó, pela Agira e por si mesma — revela a multiplicidade de perspectivas que compõem o tecido colonial. Essa pluralidade demonstra como o corpo feminino é campo de disputa de sentidos, ora objetificado, ora sacralizado, ora resignificado como símbolo de resistência.

A denúncia da obra também se relaciona à concepção de necropolítica, conforme Mbembe, discutida por Morais e Cruz (2024). O poder colonial decide quem deve viver e quem deve morrer, e Suhura, por ser mulher, negra e pobre, ocupa o lugar da vida descartável.

Assim, mostra:

-Mataram a minha neta! Mataram a minha Suhura! Porque fizeram isso com ela, se ela foi, coitada! Ela não queria ir, mas foi! Coitada da minha Suhura! – grita ela chorando convulsivamente. Imperturbável, o Sipaio entra na palhota com Suhura nos braços e segue atrás da velha que, continuando a soluçar e a gritar à sua frente, o guia maquinalmente para o quarto. Coloca então a rapariga numa das quitandas. Depois, voltando-se para a avó, e apertando-lhe um braço com firmeza, diz-lhe muito pausadamente: - Não grita velha. Ninguém matou Suhura. Ninguém matou Suhura. Compreende?! A avó compreende muito bem. (MOMPLÉ, 1988, p. 72).

A literatura de Momplé, ao narrar esse destino, questiona o direito de decidir sobre vidas humanas e revela a crueldade do colonialismo.

Em diálogo com Pereira (2022), percebe-se que a narrativa de Momplé também ilustra os conflitos gerados pela intersecção entre colonialismo e patriarcado. O abuso contra Suhura não decorre apenas da hierarquia racial, mas também da condição de gênero, que legitima a apropriação do corpo feminino pelo poder masculino. A obra, assim, articula crítica social, denúncia política e questionamento das estruturas patriarcais.

Por fim, a obra *Ninguém Matou Suhura* deve ser compreendida como literatura de resistência, cuja função ultrapassa a estética para afirmar-se como denúncia social. A tragédia de Suhura representa a violência de um sistema que ceifou vidas e desumanizou povos, mas também a força de uma narrativa que resgata memórias e

fomenta a crítica. Momplé, ao dar voz a uma jovem silenciada, inscreve-se no projeto de desconstrução do colonialismo.

4 CONCLUSÃO

A análise da obra *Ninguém Matou Suhura* evidencia o papel fundamental da literatura como espaço de resistência diante das violências impostas pelo colonialismo em Moçambique. A narrativa não se limita ao campo estético, mas assume dimensão social e política ao expor práticas de desumanização, denunciando a lógica necropolítica que determinava quais vidas podiam ser preservadas ou descartadas. Ao transformar a dor individual em expressão coletiva, a obra se configura como testemunho histórico e cultural.

A personagem Suhura representa a condição de extrema vulnerabilidade do colonizado, sobretudo das mulheres negras submetidas a múltiplas formas de opressão. Sua trajetória marcada pela pobreza, exclusão e ausência de oportunidades ultrapassa a dimensão individual e reflete a realidade de tantas outras mulheres moçambicanas. Nesse sentido, a obra evidencia a necessidade de compreender a intersecção entre raça, gênero e classe como fatores determinantes da violência colonial.

Apesar da tragédia que permeia a narrativa, a resistência emerge como elemento central. O gesto de Suhura, ao reagir contra o agressor, ainda que de forma simbólica, rompe com a lógica da submissão absoluta. Essa ação demonstra que a resistência pode manifestar-se de maneiras distintas, mesmo em contextos de opressão, tornando-se elemento essencial da identidade coletiva dos povos submetidos ao colonialismo.

A obra também denuncia a naturalização da violência presente no cotidiano das relações coloniais. A brutalidade, muitas vezes mascarada sob uma aparência de cordialidade, revela a perversidade do sistema que, em nome da hierarquia racial e de gênero, legitimava a exploração e o abuso. Esse contraste entre aparente convivência pacífica e práticas violentas reforça a denúncia social construída pela narrativa.

Outro aspecto de relevância é a forma como o olhar sobre Suhura se constrói ao longo da narrativa. Diferentes personagens projetam percepções distintas sobre ela, ora reduzindo-a a objeto de prazer, ora reconhecendo-a como símbolo de sacralidade ou de resistência. Essa multiplicidade de visões confere densidade ao texto e revela

como o corpo feminino se torna espaço de disputa simbólica dentro do contexto colonial.

A obra também se destaca por transformar a ficção em espaço de registro da memória histórica. Ao narrar a trajetória de Suhura, a literatura recupera experiências silenciadas e revela aspectos do colonialismo que, em grande parte, foram negligenciados pelos registros oficiais. Assim, a narrativa reafirma a função social da literatura na preservação da memória coletiva.

Com isso, *Ninguém Matou Suhura* deve ser compreendida como obra de resistência, cuja relevância ultrapassa os limites da criação artística e alcança os debates sociais, históricos e políticos. A denúncia da violência, a valorização da memória e a voz concedida aos marginalizados reafirmam a literatura como instrumento de transformação e de crítica às estruturas de opressão. Embora, ninguém tenha “matado” de forma direta, ela foi morta de uma maneira simbólica, pela pobreza, pela desigualdade e indiferença da sociedade.

Por meio da história, a autora critica não só o legado do colonialismo português, mas também a falta de mudanças reais depois da independência. Mesmo com a liberdade política, as desigualdades continuam existindo. Um aspecto marcante da escrita de Lília Momplé é o realismo, no fim, o conto nos faz pensar sobre a desumanização social e sobre como o sistema pode matar aos poucos, não com armas, mas com fome, exclusão e descaso, mostrando que a literatura também pode ser um instrumento de denúncia e de transformação social.

Conclui-se, portanto, que a obra de Lília Momplé se consolida como um marco na literatura moçambicana contemporânea. A narrativa de Suhura permanece como símbolo de denúncia e resistência, assegurando à literatura africana de língua portuguesa o papel de preservar a dignidade humana, resgatar memórias silenciadas e fomentar reflexões críticas sobre os impactos do colonialismo na formação das identidades coletivas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Aparecida Nascimento de. **Aspectos Históricos de Moçambique em contos de Lília Momplé**. 2017. 97 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande. 2017.

ALÓS, Anselmo Peres. A ficcionalização da história moçambicana nos contos de Lília Momplé: Ninguém matou Suhura: estórias que ilustram a história. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(3): 392, setembro-dezembro/2011.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/8KVc8W85GhwDyYLSLbCrCJD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 ago. 2025.

ALÓS, Anselmo Peres; ANDRETA, Bárbara Loureiro; DALCOL, Mônica Saldanha. A literatura pós-colonial moçambicana: “Ninguém matou Suhura”, de Lília Momplé. **Cadernos Literários**, v. 24, n. 1, p. 29–34, 2019. Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/cadliter/article/view/9047>. Acesso em: 12 ago. 2025.

CABRERA, Bruna Cielo; PERES ALÓS, Anselmo. Crítica social no discurso narrativo de “O último pesadelo” de Lília Momplé. **Confluenze. Rivista di Studi Iberoamericani**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 215–224, 2016. Disponível em:

<https://confluenze.unibo.it/article/view/6272>. Acesso em: 19 ago. 2025.

CARVALGO, Hosana Martins de. **Ninguém matou Suhura: uma análise sobre racismo e violência ao corpo feminino**. 2023, 26 f. Trabalho de Conclusão (Monografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Licenciatura em Letras na Habilitação Português/Literaturas, Rio de Janeiro, 2023.

COSTA, Silvaneide da Silva. **Estórias que ilustram a História: as narrativas ficcionais de Lília Momplé**. 2016, 129 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 2016.

KUBERNAT, Carlos Oliveira; MARTINS, Edson Soares. O olhar e a construção do sentido em ninguém Matou Suhura, de Lília Momplé. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 37: História, violência, traumas. Jan.-Jun. 2021, p. 95-106.

Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/61848/44548>. Acesso em: 12 ago. 2025.

LIMA, Igor Silva de. A dor da realidade na ficção: Resenha do livro “Ninguém matou LIMA, Igor Silva de. A dor da realidade na ficção: Resenha do livro “Ninguém matou Suhura”, de Lília Momplé. **Revista Resenhando**, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, v. 6, n. 2. 2025. Disponível em:

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/resenhando/article/view/2259/2058>. Acesso em: 21 ago. 2025.

LOPES, Maria Suely De Oliveira. A escrita de lília momplé: entre história e ficção. E-book X Congresso Internacional de Línguas e Literatura. Campina Grande:

Realize Editora, 2022. Disponível em:

<<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/75874>>. Acesso em: 21 ago. 2025.

MOMPLÉ, Lília Maria Clara Carrière. **Ninguém matou Suhura**. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 3. ed. 1988.

MORAIS, Perla Araújo; CRUZ, Thalita Duarte da. Colonialismo cordial ou necropolíticas? A denúncia da violência colonial em ninguém matou Suhura, de Lília Momplé. **Revista Guará - Revista de Linguagem e Literatura**, Goiânia, Brasil, v. 14, n. 1, p. 148–158, 2024. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/guara/article/view/14366>. Acesso em: 27 ago. 2025.

PEREIRA, Aline Rosa. **Tramas de vida e de morte**: Uma narrativa sobre o colonialismo e seus conflitos na obra ‘Ninguém Matou Suhura’, de Lília Momplé (1935 - 1974) / Aline Rosa Pereira. São Paulo, SP: UNIFESP, 2022. 102f.

SALGADO, Maria Teresa. A banalidade do mal na obra de Lília Momplé. **Literartes**, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 9, p. 159–168, 2018. Disponível em: <https://revistas.usp.br/literartes/article/view/150307>. Acesso em: 17 ago. 2025.

SILVA, Kelly Fernanda Guasso da. Reflexões sobre o sujeito e as condições de produção do discurso: a realidade e a ficção nos contos de Lília Momplé. **Revista Ícone**, v. 16, n. 1, jan. 2016. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/view/5005>. Acesso em: 17 ago. 2025.

SILVA, Alexandra Luísa Faria. **Retratos de identidade feminina nas obras de Lília Momplé**: a mulher como ser em trânsito na história moçambicana. 2017, p. 131. Tese (Doutorado). Universidade da Madeira, 2017.

TOKUHARA, Lucas et al. Colonialismo e violência entre o mito e o romance: uma análise do conto “Ninguém matou Suhura”, de Lília Momplé. **Revista Crátilo**, v. 15, n. 2, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/cratilo/article/download/3001/1293>. Acesso em: 18 ago. 2025.